

COORDENAÇÃO:

Maria Manuel Baptista
Anne Ventura

**DO ÓCIO – DEBATES NO CONTEXTO
CULTURAL CONTEMPORÂNEO**



[Ficha Técnica]

Título

Do Ócio – debates no contexto cultural contemporâneo

Organização

Programa Doutoral em Estudos Culturais — Universidade de Aveiro e Universidade do Minho

Coordenação

Maria Manuel Baptista

Anne Ventura

Coordenação Editorial

Rui Alexandre Grácio

Capa

Frederico da Silva | Grácio Editor

Design gráfico e paginação

Grácio Editor

Impressão e acabamento

Tipografia Lousanense

1ª edição em Abril de 2014

ISBN: 978-989-8377-56-2

Depósito Legal:

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 3.º

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Apresentação

Da poética narrativa de João Guimarães Rosa, do grande sertão mítico que convida a nossa mais universal humanidade, resgatamos, para apresentar este livro, a seguinte asserção: “felicidade se acha é em horinhas de descuido”. Ao leitor, propomos compreender este descuidar enquanto uma folga nas amarras tensas e tesas das obrigações cotidianas, das lidas que o mundo nos impõe para que signifiquemos mais enquanto engrenagem, mas talvez menos enquanto homens. *Horinhas* que, se são mensuradas como diminutas em relação ao tempo de trabalho, por outro lado, pela sua simplicidade ou despreensão utilitária, nos propiciam um encontro distinto, com a nossa própria humanidade – e por isso imenso. Nesse tempo, que certamente é um tempo mais livre, o espaço para o ócio abre-se e o que há de mais humano pode emergir, em um, quem sabe, cuidar-se (resgate do eu e do outro).

A questão do tempo, que já se apresentava como um problema para os sujeitos modernos, tornou-se para nós, pós-modernos ou sujeitos da modernidade tardia, mais do que agónica, uma questão trágica. Aquele tempo que nos fora usurpado pelo domínio cultural do trabalho e da moral capitalista, hoje, é-nos, em parte, devolvido — consequência de uma série de complexas transformações socioculturais, que nos mergulham numa confusa aceleração, na qual apenas o presente nos é dado vislumbrar. Sedentos de gozo, entregamo-nos ao jogo incansável de um mercado perspicaz, capaz de perceber as folgas de uma existência feita de intervalos facilmente preenchíveis pelo consumo. Presos, assim, mais uma vez, numa teia de tempos pouco livres, existimos menos e sofreremos mais?

Nesta época que põe em cheque a modernidade, sem ultrapassar completamente os seus paradigmas, o resgate crítico da temática do ócio tornou-se objecto de estudo em diversas áreas do saber. O que o leitor encontrará neste livro é, pois, uma amostra dessa disseminação transdisciplinar: os autores aqui reunidos representam, na sua maioria, os 150 investigadores que dialogaram no decorrer do III Congresso Internacional de Estudos Culturais, que teve como enfoque *Ócio, Lazer e Tempos Livres nas Culturas Contemporâneas*, promovido pelo Programa Doutoral em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e do Minho, em janeiro de 2013. Estudiosos de diferentes áreas reuniram-se em Aveiro, Portugal, em torno dos estudos do ócio e da cultura, trilhando caminhos bastante diversos num diálogo enriquecedor. Em comum, as responsabilidades que o tema exigia, quais sejam: posicionamento, habilidade teórica para lidar com a transdisciplinaridade e fôlego reflexivo.

A abrir a primeira parte desta nossa travessia, “Ócio e Cultura”, o leitor encontrará um estudo de Manuel Cuenca Cabeza e Macarena Cuenca Amigo: “O encontro entre o ócio e a cultura: Reflexões sobre o ócio criativo desde a investigação empírica”. Neste ensaio, os investigadores da Universidade de Deusto/Espanha buscam desfazer, através da análise de algumas investigações empíricas, os nós

resultantes da aproximação entre os conceitos de ócio e cultura. Para os autores, nem a cultura como facto humano é toda ócio, nem o ócio é toda cultura; de modo que, mesmo admitindo confluências, é importante diferenciar as vertentes criativas e recreativas do que se compreende hoje como prática de ócio.

No ensaio “O lazer e as transformações socioculturais contemporâneas”, Maria Dilma Simões Brasileiro, da Universidade Federal da Paraíba/Brasil, reflecte acerca das transformações socioculturais da pós-modernidade, mais especificamente em como essas transformações tiveram impacto na significação do que compreendemos como trabalho, tempo livre e lazer. A investigadora, ainda que alerte para a impossibilidade de lidarmos de maneira inequívoca com todas as complexas transformações que ora observamos, propõe um esforço para um novo entendimento do lazer, uma vez que este está cada vez menos delimitado pelo trabalho – hoje mais complexo, multidimensional e multifatorial.

Luzia Neide Coriolano, da Universidade Estadual do Ceará/Brasil, oferece-nos uma luminosa crítica ao modelo de desenvolvimento hegemónico, através de seu artigo “Lazer e Turismo como atividades para o desenvolvimento humano”. A autora convoca os estudiosos do lazer e do turismo a uma séria reflexão sobre a temática do desenvolvimento humano, seus riscos e potencialidades, investigando de que maneiras o turismo pode tornar-se uma prática de combate às desigualdades sociais.

Em “Atributos das Experiências de Ócio e implicações contraditórias decorrentes do estilo de vida contemporâneo”, Ieda Rhoden, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - São Leopoldo/Brasil, aborda o ócio enquanto uma experiência subjectiva, construtiva, numa perspectiva psicossocial. A autora provoca uma reflexão humanista, que perpassa as experiências contemporâneas do ócio, tentando compreender em que medida estas experiências e a maneira como são percebidas pelos sujeitos implicam uma melhor qualidade de vida, ou uma subjectividade mais próxima da ideia de felicidade, no contexto contraditório de um estilo de vida cada vez mais acelerado, imediatista e superficial da pós-modernidade.

Por último, em “Novos desafios para a investigação sobre cultura: Prioridades de investigação no domínio cultural da EU”, Cristina Ortega Nuere e Isabel Verdet Peris, ambas da Universidade de Deusto/Espanha, mapeiam, através da análise de alguns documentos políticos referentes à cultura, as prioridades da União Europeia, para este século, no que tange ao incentivo do estudo da cultura. O artigo é uma contribuição valiosa para todos os que se dedicam à investigação nas áreas da cultura, em especial para aqueles que procuram financiamento para futuros projectos no âmbito da União Europeia.

Na segunda parte do livro, “Pensar o Ócio: Paradigmas Teóricos”, o leitor encontrará uma série de quatro artigos que propõem diferentes reflexões teóricas sobre esta temática. Para começar, estudar o ócio pressupõe uma prévia reflexão sobre este que é um dos mais caros fundamentos que ocupam a vida e o pensa-

mento humano: o tempo. Ciente deste aspecto profundamente filosófico do tema do ócio, Maria Manuel Baptista, da Universidade de Aveiro, uma das organizadoras desta obra, perscruta as minúcias do tempo ocioso como um tempo para o *ser aí* heideggeriano em “Ócio, temporalidade e existência: uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggereanas”.

No ensaio “Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências”, José Clerton Martins, da Universidade de Fortaleza/Brasil, revisita os conceitos centrais da história das recentes reflexões teóricas sobre ócio, lazer e tempo livre, compreendendo-os como fenómenos que se elaboram, com o cuidado de convocar novas concepções que façam luz na confusão que por vezes ainda permanece sobre eles. Para o investigador, o ócio, como condição humana e enquanto experiência transformadora, abre novos horizontes de desenvolvimento humano em tempos de consumo extremo.

Em “A literatura como experiência de ócio na pós-modernidade”, Anne Ventura, da Universidade de Aveiro, também organizadora do livro, ensaia sobre a possibilidade de encararmos a literatura, em sua potencial vertigem de linguagem, como uma importante experiência ociosa face à aceleração da pós-modernidade e ao empobrecimento das nossas vivências. A autora defende que o ensino da literatura poderia ser compreendido como parte de uma educação para o ócio, e reflecte sobre os desafios desta pertença.

No ensaio “Sobre a interpretação da obra de arte”, Carlos Velázquez Rueda, da Universidade de Fortaleza/Brasil, encarando a arte como uma proposta experiencial, reflecte sobre a interpretação da obra de arte no Ocidente e a sua procura por significados, enquanto atitude sintomática e reveladora da especulação teórica. O autor alerta para as dificuldades de uma interpretação da obra de arte que abra espaço para outras faculdades cognitivas e sensoriais e, finalmente, ultrapasse os postulados tradicionais em que se ancoram os exercícios interpretativos ainda vigentes.

Na terceira e última parte, “Experiências de ócio na contemporaneidade”, reunimos alguns estudos em que a questão se orienta para estudos de caso no contexto atual. O leitor terá a oportunidade de conhecer os resultados de uma pesquisa realizada pelos estudiosos do ócio María Jesús Monteagudo, Jaime Cuenca, Fernando Bayón, da Universidade de Deusto/Espanha, e Douglas A. Kleiber, da Universidade da Georgia/EUA, e apreciar a leitura de “Ócio ao longo da vida: As potencialidades dos itinerários de ócio para a promoção do desenvolvimento humano”. Neste artigo, os investigadores perscrutam, através da análise de resultados de um estudo de caso focado em um grupo de idosos da Região Autónoma do País Basco (Espanha), o peso que o ócio pode assumir enquanto instrumento impulsionador do desenvolvimento pessoal e social. Deste modo, a formação para o ócio também receberá atenção especial destes investigadores, como preparação para um envelhecimento satisfatório.

Em “Culturas Digitais, Aceleração e Narrativas de Megaeventos”, David McGilivray, da Universidade do Oeste da Escócia, e Matt Frew, da Universidade de Bournemouth/Inglaterra, oferecem-nos um estudo de caso acerca do projeto #citizenrelay, que seguiu a passagem da tocha olímpica na sua viagem pela Escócia, no verão de 2012. Os autores investigam como as narrativas de megaeventos sofrem o impacto dos ambientes híbridos de comunicação, mobilização, organização e ação colectiva, cada vez mais possíveis numa cultura que abre espaço para o cidadão digital democratizado.

Em “A praia lúdica, uma invenção contemporânea”, Manuel Costa, da Universidade de Aveiro, realiza um precioso ensaio, com sabor a uma micro-história lusitana. A partir do recorte da vilegiatura marítima na Póvoa de Varzim, Costa analisa a reinvenção da praia, do veraneio balnear, dos hábitos e costumes que hoje significam, em grande parte, o turismo da região, desdobramento das transformações culturais que o ócio e o lazer vivenciados por diferentes classes sociais sofreram desde a centúria de oitocentos.

Para finalizar o conjunto de textos, mas nunca a temática, o leitor encontrará o artigo de Rui Machado Gomes, da Universidade de Coimbra/Portugal, “Lazer e Novas subjetividades”, que explora a noção de paisagem de Appadurai, e analisa três tipos de paisagens do âmbito do lazer e do desporto: as mediáticas, as tecnológicas, e as das ideias. Compreendendo-as no contexto da globalização do mercado e das culturas, o autor procura demonstrar que a sua relação disjuntiva contribui tanto para uma homogeneização do desporto como para um movimento de crescente diferenciação das práticas desportivas.

Enfim, o leitor perceberá que os textos selecionados para este livro cuidam todos daquele “descuido” de que falava Guimarães Rosa; de uma maneira ou de outra, o interesse em compreender as tais *horinhas* preciosas, tão fundamentais para a sanidade não apenas física como psicossocial dos homens, aproximou os diferentes olhares destes treze estudiosos de quatro cantos do mundo, ávidos por compreender os variados recortes da temática ócio, lazer e tempo livre nas culturas contemporâneas.

Aveiro, Março de 2014

Anne Ventura

Maria Manuel Baptista